

## Índice

O lado sombrio da maternidade de substituição.....	1
TikTok: nova rede social triunfa entre os adolescentes.....	2
“La primera sociedad”.....	4
“Brexit: Uma Guerra Descortês”.....	4

## O lado sombrio da maternidade de substituição

Durante a pandemia, ouviram-se em países ocidentais os protestos de casais que haviam recorrido à maternidade de substituição na Ucrânia e não podiam trazer os bebês por causa do fecho de fronteiras. Mas do lado ucraniano, essa mesma situação serviu para revelar os aspetos sombrios das barrigas de aluguer, conta [Claire Gatinois no “Le Monde”](#) (2.7.2020).

Depois de vários países asiáticos terem proibido a maternidade de substituição a estrangeiros ([Tailândia](#), [Índia](#)) ou em todos os casos ([Cambodja](#)), a Ucrânia tornou-se o local mais em voga no plano internacional desta prática. Há ainda os Estados Unidos e o Canadá, mas são mais caros; daí que muitos casais para conseguirem uma mãe de substituição viajem para Kiev.

Não há estatísticas oficiais, mas no setor das barrigas de aluguer ucraniano, composto por 50 clínicas especializadas, fala-se de 3000 – 3500 contratos anuais de maternidade de substituição. O preço oscila entre 40 000 e 60 000 euros, dos quais a grávida recebe 15 000, montante que corresponde a 50 vezes o salário mensal médio na Ucrânia. Não se permite a escolha da mãe portadora – embora sim, por vezes, o sexo do filho –, nem ter qualquer contacto com ela.

Os que fazem a encomenda entregam os seus embriões congelados e vão sendo informados à distância da evolução da gravidez.

A jornalista do “Le Monde” relata a história de um casal francês que conseguiu um filho, nascido quando a fronteira estava fechada. Foi na segunda tentativa. A primeira gravidez foi dupla, apresentou sérias complicações e “teve de ser interrompida”, conforme comunicou a clínica BioTexCom, de Kiev. Na segunda vez, os clientes pediram que fosse transferido um só embrião, mas a clínica transferiu três, para aumentar a probabilidade de sucesso (o contrato da modalidade “VIP”, assinado neste caso, obrigava-a a repetir sem aumento de preço). Implantaram dois e a seguir, para “limitar o risco”, eliminaram um, algo de que o casal não soube até lhe terem entregue o sobrevivente uma vez nascido.

Esse modo de proceder não é raro. E, além disso, houve casos escandalosos. O filho de um casal italiano não foi reconhecido quando os dois regressaram com ele ao seu país, porque se verificou não ter relação genética com nenhum deles. A justiça da Itália suspeitou de tráfico de bebês e colocou o bebê em causa num processo de adoção. Não se sabe como aconteceu o erro na transferência do embrião.

Anteriormente, um casal norte-americano recusou o filho por ter nascido com edema cerebral; pediu que o hospital lhe retirasse os cuidados médicos, mas a lei ucraniana não o permite, e o bebê sobreviveu. Ficou a cargo dos serviços sociais da Ucrânia, para a sua possível adoção.

Em finais de abril do ano passado, quando a pandemia impediu os clientes de outros países irem buscar os filhos recém-nascidos, a BioTexCom difundiu um vídeo pensado para procurar o apoio dos diplomatas estrangeiros. Mostrava uns quarenta bebês em berços alinhados no salão de um hotel. “Parte o coração ver tantos bebês a quem faltam os seus pais”, dizia

uma cuidadora da clínica. A campanha acabou por ser contra-producente: conseguiu incomodar as embaixadas, o governo e o público ucraniano, que ficou com a impressão de que o país se havia convertido numa “fábrica de bebês para estrangeiros ricos”.

Assim, aconteceu na Ucrânia uma reação semelhante à que levou a vetar ou limitar a maternidade de substituição na Tailândia e noutros países asiáticos. O tratamento que é dado às mães portadoras é motivo frequente de protestos, “por parte tanto dos movimentos conservadores contrários à maternidade de substituição, como das feministas”. Estas mulheres são submetidas a fortes tratamentos hormonais, a uma invasão da intimidade por contrato, à obrigação de seguir um regime de vida, uma determinada alimentação, etc., sob vigilância da clínica. Algumas “saem desta experiência física e psiquicamente de rastros”.

A Ucrânia debate se se deveria proibir a maternidade de substituição aos estrangeiros ou em todos os casos. Em maio de 2020, o provedor do menor, Mykola Kuleba, declarou: “Sou firmemente contra a maternidade de substituição comercial, que converte o filho num produto”.

## TikTok: nova rede social triunfa entre os adolescentes

Pode ser uma moda passageira, mas o TikTok é hoje, apenas cinco anos desde o seu nascimento, a rede social do momento entre os menores de idade. A sua fórmula é simples: entretenimento sem pretensões, fomento da criatividade, ambiente mais amigável do que noutros grandes fóruns virtuais e, evidentemente, o que é viral ao alcance da mão; tudo isso, a um ritmo vertiginoso e quase sempre acompanhado por música. Uma oferta muito sedutora para praticamente qualquer adolescente, e não isenta de riscos.

O modo mais simples de definir o TikTok é dizer que se trata de uma rede social de vídeos curtos (o normal é que durem uns 15 segundos, embora o limite esteja num minuto) criados pelos próprios utentes, quase sempre acompanhados por música e com muitos efeitos de edição.

Em termos comparativos, poder-se-ia dizer que é um YouTube “menos profissional”, de tom eminentemente cómico e muito mais pessoal e interativo; ou um Instagram mais natural, com menor dose de autopromoção, e centrado unicamente no vídeo. As semelhanças com o Facebook, e especialmente com o Twitter, são remotas, para lá da possibilidade de seguir outros utentes e dar “like” aos seus conteúdos.

No entanto, todas as anteriores redes, embora alojem também conteúdos cómicos, podem ser consideradas fundamental-

mente “sérias” (o que não significa profundas). O TikTok, pelo contrário, parece-se mais com outras plataformas deliberadamente “ligeiras” e mais focadas num público jovem, como o Snapchat ou o Vine.

O [Snapchat](#) (“Aceprensa”, 10.10.2018) é um serviço de mensagens instantâneo que permite enviar fotografias – normalmente *selfies* –, facilmente editáveis com todo o tipo de filtros, e que são apagadas no máximo dez segundos depois de abertas. O seu sucesso deveu-se em parte ao carácter desinibido e supostamente natural das instantâneas (em oposição à postura típica do Instagram); mas converteu-se igualmente numa plataforma de adolescentes para adolescentes, que não deixava traços visíveis para os pais, e que muitas vezes servia para partilhar imagens picantes.

Por seu turno, o Vine, que desapareceu em 2017, não era propriamente uma rede social, mas uma ferramenta de criação de *microvídeos* – até 6 segundos – que depois podiam colocar-se noutras plataformas e se reproduziam em modo *loop*. O tom cómico e banal e, sobretudo, o padrão de consumo frenético que provoca a curta duração dos vídeos, são as características que mais assemelhavam este serviço ao TikTok.

Menção à parte merece o Music.ly, uma rede social fundada por dois amigos chineses residentes nos Estados Unidos que permitia criar e partilhar vídeos curtos e acompanhá-los com música. A variedade de filtros e efeitos de câmara e som disponíveis facilitava a conversão de um vídeo caseiro num mini-*videoclip* muito aparente, sincronizando os lábios ao ritmo da letra. O Music.ly obteve um sucesso enorme entre os adolescentes norte-americanos. A empresa chinesa ByteDance comprou-o em 2017 por 1000 milhões de dólares, e fundiu os seus serviços com a sua própria rede social de vídeos, a Douyin. Desta união nasceu o atual TikTok.

O TikTok conta atualmente com cerca de [800 milhões](#) de utentes ativos. Ainda fica longe do Facebook (2500 milhões), mas já está próximo do Instagram (1000 milhões), enquanto que o Twitter há algum tempo que ficou para trás (340 milhões); contudo, diga-se que todas estas empresas estão bloqueadas na China, país onde vivem metade dos *tiktokers* do mundo. De qualquer forma, a rede social está em plena expansão: só o WhatsApp o superou em número de descargas em 2019 e, no primeiro trimestre de 2020, bateu todos os registos históricos.

Tal sucesso tem vindo a despertar o apetite das grandes tecnológicas. Aproveitando que o facto do antigo presidente Donald Trump ter dado um ultimato (que veio a ser posteriormente rejeitado pela justiça norte-americana) à ByteDance para cessar as suas operações nos Estados Unidos (pois considerava que a empresa chinesa poderia estar a roubar dados e a difundir propaganda para o governo chinês), a Microsoft, o Twitter e a Oracle [tentaram](#) apoderar-se do ramo norte-americano do TikTok.

No TikTok, é possível encontrar todo o tipo de vídeos, e nessa variedade reside parte do seu encanto. Por herança do Music.ly, há muito *playback* ou coreografia das canções mais

populares do momento. Também se tornou moda gravar dobragens, a solo ou em duo, de cenas de filmes conhecidos.

Juntamente com isto, existem outros formatos, desde a paródia televisiva a vídeos enternecedores de animais, de tutoria ou treinos. Há um tipo de conteúdo que representa o ADN do TikTok, que é a “pura palhaçada”, com tendência para o excêntrico e *friki*: uma pessoa disfarçada como um urso de peluche gigante que dança e se movimenta pela cidade, simulações de operações cirúrgicas em diferentes produtos, ou uma montagem de um gato a fazer uma coreografia musical.

Grande parte dos vídeos que se colocam são replicados depois por outros utentes; muitos nascem até com essa intenção, como desafios lançados ao ar que, em pouco tempo, se convertem em tendência. Utilizando como molde a sequência original, e acrescentando música, filtros e movimentos de câmara, qualquer um pode juntar-se a uma cadeia e talvez conseguir ser viral em muito pouco tempo.

Pode dizer-se, portanto, que o TikTok fomenta uma maior interação do que outras redes sociais. Além disso, essa interação não se reduz a pôr “likes” ou fazer comentários estereotipados, implicando uma certa criatividade, embora quase sempre “de segunda mão”.

Quanto ao ambiente, percebe-se uma menor carga tóxica do que noutras redes: menos hostilidade nos comentários, e também menos campanha publicitária a favor do próprio. Em parte, isto deve-se ao tom festivo – e, digamo-lo, banal – que predomina. Ao TikTok vai-se “numa boa”, para se divertir ou, pelo menos, para conviver, não para mudar o mundo nem para apresentar uma imagem idealizada, e supostamente íntima, de si próprio. Contudo, sendo grande parte do seu público adolescente, a vaidade e uma determinada postura não deixa de assomar em muitos vídeos.

Um aspeto que se costuma destacar do TikTok é que promove um tipo de contacto entre utentes diferente do de outras redes sociais. Por um lado, o algoritmo que decide quais os vídeos a sugerir a cada *tiktoker* não premeia excessivamente o volume de seguidores ou a celebridade de quem criou o conteúdo. A fama, embora efémera, está ao alcance de qualquer um.

Por outro lado, a rede não é pensada para que se interaja sozinho, nem principalmente, com os nossos conhecidos ou a rede de amigos que se tenha criado. Trata-se mais de uma comunidade global e, de algum modo, fechada ao mundo real: o que se passa no TikTok, pelo TikTok permanece. Um comentador salientou que a rede promove a criação de “[grupos de pseudo-amigos temporários](#)”, a quem “une” de forma efémera um *challenge*, ou a imitação de uma mesma canção.

Esta leveza, tanto nos conteúdos como no tipo de relações pessoais que acontecem, é provavelmente um dos atrativos para o público jovem predominante no TikTok (embora cada vez adiram pessoas com mais idade, o que diz algo sobre a sociedade).

Outro grande atrativo é a sensação de vertigem que provoca a sua utilização. Num minuto, viu-se um fragmento de uma coreografia, uma piada de mau gosto, um vídeo de algo que explode, um cãozinho a ladrar ao ritmo de uma canção maluca, um rapaz que imita os movimentos de um lama... E tudo cheio de efeitos de edição (por exemplo, pequenos cortes que eliminam os momentos de transição e aumentam a sensação de velocidade) e, geralmente, com música de fundo.

Além disso, todos os vídeos reproduzem-se em modo *loop* – quando são muito curtos, isto produz um efeito especialmente aborrecido para a vista –, e aparecem um a seguir ao outro, numa cascata vertical infinita. Taylor Lorenz, especialista de tecnologia em “The Atlantic”, explicava-o de uma [forma gráfica](#): “Quando se veem demasiados vídeos seguidos, sentimos que o nosso cérebro pode sofrer um congelamento repentino a qualquer altura”.

O resultado é uma contínua descarga de dopamina, sufocante (pelo menos, para quem não está acostumado) mas que provoca muita dependência. Nisto residem alguns dos problemas levantados pelo uso do TikTok. Por um lado, o seu ritmo frenético não ajuda a treinar a capacidade de atender nem de refletir. Poder-se-ia alegar que para o fazer já estão disponíveis outros âmbitos, como o escolar ou o familiar, mas não se deve esquecer que cada pessoa tem um só cérebro, que os hábitos mentais não são fáceis de erradicar, e que a infância e a adolescência são idades consideradas especialmente sensíveis neste aspeto.

Por outro lado, embora em geral no TikTok não se encontre material obscuro ou violento explícito, a verdade é que muitos dos vídeos utilizam como matéria-prima música ou filmes que estão na moda entre adolescentes, que muitas vezes incluem altas doses de grosseria ou erotismo. Se o *challenge* em causa consiste em dançar ao ritmo de determinadas canções de *trap*, é de esperar que as coreografias não venham a ser um exemplo de elegância.

F. R.-B.

## “La primera sociedad”

“The First Society”

Autor: Scott Hahn  
Rialp. Madrid (2021)  
188 págs.

A preponderância do casamento indissolúvel, fiel e aberto à vida – sacramental ou natural – é, segundo as estatísticas, um fenómeno decrescente. O número de divórcios e, sobretudo, a taxa de fecundidade, estão a levar a uma situação preocupante, que se torna quase dramática se se observar o ritmo a que estão a diminuir os casamentos relativamente a outros tipos de uniões. É uma situação bem conhecida, e que levanta uma interrogação muito relevante: Terá havido algum período da História recente em que o casamento não tenha estado, mais ou menos, em crise? Ou, por outras palavras, seria possível regressar até esse ponto em que tudo começou a mudar?

Scott Hahn, professor de Teologia e Sagrada Escritura, conferencista e autor de vários livros – alguns com muito sucesso como [“Todos os Caminhos vão dar a Roma”](#) (“Aceprensa”, 17.1.2001) –, aborda esta questão no contexto do seu país. Para numerosos norte-americanos, em determinado momento indefinido dos anos cinquenta do século passado teria existido essa Arcádia familiar em que as relações matrimoniais eram estáveis, fecundas e honestas. E, paradoxalmente, para desmontar essa nostalgia, dedica os primeiros capítulos de “La primera sociedad”: nunca existiu uma situação idílica, nem sequer na Idade Média, em que o casamento e a família não fossem alvo de assédio, embora não de um modo tão aberto como atualmente.

O fosso entre o ideal cristão e a realidade expandiu-se a maior velocidade nas últimas décadas, evidentemente, mas nunca aconteceu uma identificação plena entre um e outra. Esta constatação, contudo, serve a Hahn para lançar uma proposta tão audaciosa como otimista: “Se, durante uma geração, os católicos se limitassem a viver o sacramento do casamento, seríamos testemunhas da transformação da sociedade, e teríamos uma cultura cristã”.

Essa reflexão sobre o casamento como ponte entre o íntimo e o social, ou o pessoal e o político, oferece uma das linhas mais sugestivas desta nova obra do teólogo norte-americano, mas não é a única. Partindo de uma leitura em profundidade do significado desse vínculo, Hahn vai esmiuçando as diversas facetas nas quais a sua revitalização pode engrandecer a Igreja, a vida comunitária, a sociedade e a cultura. Mesmo que, de um ponto de vista moral ou teológico, não acrescente nada ao que a doutrina da Igreja clarificou já muitas vezes, oferece uma visão muito atual do valor sociológico e antropológico do

casamento cristão para “aplicar a lógica sacramental da fé às circunstâncias concretas do século XXI”.

Entre o sacramento do casamento e as restantes uniões existe uma diferença tal que, para o autor, são duas formas de vida quase antagónicas. Nesta perspetiva, o confronto em torno do divórcio, do casamento entre pessoas do mesmo sexo ou das uniões de facto, adquire uma dimensão que tem muito mais a ver com a graça e a sacramentalidade do que com a luta política. Se há algo a recuperar, mais do que uma lei ou outra, é a radical proposta de vida que suscitam a mensagem e a pessoa de Jesus Cristo. A batalha pela civilização cristã começa no lar: a secularização não é um processo irreversível, mas a sua derrota exigirá das famílias cristãs uma cultura do casamento em que a fé e a esperança recuperem o lugar de honra. Só então nos iremos aproximando dessa “civilização mais justa, mais enriquecedora e mais perfeita”, antecâmara da vindoura.

D. P.



## “Brexit: Uma Guerra Descortês”

“Brexit: The Uncivil War”

Realizador: Toby Haynes  
Atores: Benedict Cumberbatch; Sarah Belcher  
Duração: 90 min.  
Ano: 2019

A campanha pelo "Brexit" durante os anos de 2015/16 é uma das batalhas mediáticas que mais consequências a nível global provocou. Por isso, merece ser analisada. Este filme centra-se em Dominic Cummings, o principal estratega que vai levar uma maioria de eleitores a votar pela saída da Grã-Bretanha da União Europeia.

O objetivo não era fácil, pois essa proposta já vinha a ser defendida há anos sem bons resultados... O que se torna evidente ao longo do filme, é como se constrói "uma" mensagem e se concretiza isso em ideias com palavras-chave. Para o sucesso, foi também decisivo o uso de companhias informáticas que gerem "bases de dados *online*", os célebres *big data*, pois os seus estudos de "audiência" revelam números, tendências e estatísticas, que permitem segmentar o público. Isso torna eficaz enviar anúncios personalizados através das plataformas digitais a cada pessoa individualmente, indo ao encontro dos seus gostos e interesses mais íntimos...

Um outro fator crucial do sucesso foram as "relações humanas", desde a seleção de colaboradores até à rejeição de sujeitos "tóxicos", pois atrás dos "números" há pessoas, há motivação, há inspiração, há um "saber ler e aplicar" os dados!

#### Tópicos de análise:

1. A inspiração cultiva-se estando atento à realidade.
2. Um líder cresce ao ouvir, ao ler e ao informar-se.
3. O contacto direto resolve com eficácia os dilemas.

#### [Hiperligação](#)

Paulo Miguel Martins  
Professor da AESE

